

APRESENTAÇÃO

Alexsânder Nakaóka Elias

Universidade Estadual de Monte Claros- Unimontes
Montes Claros, Minas Gerais
alexdefabri@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6746-0464>

Olavo Ramalho Marques

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
Porto Alegre, Brasil
olavoramalhomarques@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-7593-9608>

Este dossiê, intitulado “Antropologia audiovisual com fotografias e filmes: da película ao digital”, é fruto do grupo de trabalho homônimo por nós organizado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (34 RBA/ABA), realizada em meados de 2024, em Belo Horizonte, MG. Aqui, levamos em conta o fato de que a fotografia, os registros sonoros, o cinema e o vídeo acompanham a Antropologia desde o momento de seus respectivos surgimentos, inicialmente como formas simples de registro/atestados do real, passando a ser considerados como formas de expressão que constituem, cada vez mais, parte significativa dos processos de pesquisa, ao invés de meros recursos ilustrativos, adereços e anexos, ganhando estatuto de objetos, componentes metodológicos e epistemológicos fundamentais na produção do conhecimento antropológico. Partindo dessa perspectiva, o dossiê emerge no sentido de acolher trabalhos que refletem sobre as potencialidades da fotografia, dos registros sonoros, do cinema e do vídeo nas produções etnográficas, sejam como elementos, elos e/ou enlaces da pesquisa antropológica.

Este compósito, portanto, é fruto da reunião de contribuições de pesquisadoras/es que promovem debates que orbitam em torno da centralidade dessas linguagens, enfatizando sua importância na aproximação com o campo de pesquisa, seu potencial metodológico, seu lugar expressivo como instrumento de interlocução, sua mobilização como recurso didático em processos de ensino-aprendizagem, os múltiplos tensionamentos acerca das figurações entre representações e “realidades”, as possíveis relações com a linguagem escrita, a composição e circulação de arquivos e coleções, a restituição de acervos e narrativas a grupos e comunidades, entre outros aspectos - levando-se em consideração as múltiplas materialidades das imagens e os seus diferentes suportes, sejam elas originalmente analógicas ou digitais.

O conjunto das produções conduz a discussões sobre as potencialidades narrativas acionadas nos atos de registrar, descrever, imaginar e compartilhar pesquisas com e por meio de imagens, sejam elas provenientes de acervos, produzidas pelos/as pesquisadores/as, feitas dialogicamente com interlocutores/as ou também narrativas imagéticas que percorrem diferentes circuitos, atravessando e produzindo formas de pensamento e construção de sentidos.

Destacamos, neste primeiro volume do dossiê, as relações entre imagens, memórias e suas mediações, pensando as imagens como dispositivos de interlocução do processo de

investigação etnográfica - tanto imagens produzidas pelos pesquisadores ao longo do trabalho de campo e dadas como presente (dádiva e contra-dádiva, para relembrarmos a clássica fórmula de Mauss), abrindo-se o debate aos efeitos destas restituições, quanto imagens dos acervos de interlocutores sendo recuperadas, digitalizadas e restauradas. Estas produções passam a se inserir em múltiplos canais de circulação: em álbuns físicos, em acervos digitais ou nas redes sociais dos interlocutores, nas paredes das casas ou em espaços expositivos institucionais, em varais nos espaços públicos ou coladas nos muros das cidades, ou ainda em artigos publicados em revistas científicas, como a que o/a leitor/a tem agora em sua tela.

Algumas etnografias trazem uma dimensão mais clássica, por assim dizer, no campo da Antropologia Visual e da Imagem, investindo no registro dos fenômenos e patrimônios culturais, em termos da captura/apreensão de dimensões fugazes da vida social, bem como da amplificação do alcance de práticas, saberes, fazeres, discursividades, personagens e vozes que ganham força em reconhecimento e visibilidade. Este aspecto, por si só, já evidencia a magnitude da importância do trabalho das imagens na pesquisa social. Outros artigos abrem-se à reflexão sobre efeitos imprevistos que forjam novos sentidos aos sujeitos e grupos através da produção e circulação de suas imagens.

Dentro desta última linha, o artigo de Pablo Pinheiro (et al.), intitulado “Entre imagens e entes: fotografia, memória e agência junto aos vaqueiros de gibão”, abre o dossiê abordando a produção fotográfica/etnográfica como estética transcultural, mostrando que as imagens não apenas documentam sujeitos, grupos e lugares, mas estabelecem relações. O processo de produção fotográfica que o artigo apresenta remonta a um debate inicial dos autores acerca das representações sobre o nordeste e os/as nordestinos/as. Neste ínterim, as imagens sobre os vaqueiros são pensadas em seus múltiplos contextos de produção, circulação e recepção, enquanto agentes que operam relações e efeitos ao habitar novos lugares. Propõem, assim, explorar o espaço entre a imagem e o humano, uma vez que os retratos dos vaqueiros passam a ocupar um lugar específico no universo simbólico e afetivo de quem o recebia (sendo ele vaqueiro ou não), indicando que a força da imagem escapa ao controle daqueles/as que a produzem ou a acolhem. As imagens, propõem os autores, se tornam entes que transitam entre tempos, espaços e subjetividades, passando a agenciar novas relações e mediações entre presenças e ausências.

Seguindo o tema das identidades nordestinas, “Turmalina Paraíba e os olhares possíveis da alteridade na Feira de São Cristóvão”, de Fernando Cordeiro (et al.), nos conta sobre um processo de rememoração coletiva a partir da projeção de uma produção filmica sobre a feira, datada de mais de 20 anos. Ganham destaque as reverberações que conduzem a experiência de contato com imagens retratando processos de transformações espaciais da feira, e, sobretudo, os registros de presença das pessoas num tempo anterior, que desencadeava emoções oriundas da percepção das mudanças em suas vidas com o passar dos anos. O artigo reporta a um pacto etnográfico que se funda com uma produção filmica cuja demora na finalização não impediu o estreitamento das relações de pesquisa entre pesquisadores e sujeitos da feira. Ao contrário, o relaxamento quanto a tais expectativas gerou surpresas que dão densidade ao reencontro com as imagens 20 anos depois, tão importantes que são em termos do narrar as sociabilidades e trajetórias de vida articuladas em um espaço social tão significativo como lócus de enraizamento das identidades nordestinas na cidade do Rio de Janeiro, que ganha força em sua condição de Patrimônio Cultural e como realidade de memória social.

Em “Resgate da memória na ilha: território negro mítico de Porto Alegre/RS, a partir de fotografias de acervo”, de Felipe da Silva Rodrigues (et al.), damos um salto espacial do contexto nordestino para a realidade gaúcha. Porém, a temática da memória, ou mais precisamente o poder mnemônico desencadeado pelas imagens e a necessidade de preservá-las, seja digitalmente ou analogicamente, continuam fortemente presentes. O artigo coloca em cena o processo de elaboração de uma “crônica videográfica” que tem como intenção resgatar as memórias da antiga Ilhota, território negro localizado em Porto Alegre/RS, a partir da animação de coleções fotográficas obtidas de acervos da cidade e reunidas a partir do “método de convergência” (Eckert; Rocha, 2013). Tal crônica audiovisual teve seu alicerce nas narrativas orais do Mestre Borel (Walter Calixto Ferreira), um dos mais importantes representantes das religiões de origem africana da capital gaúcha.

No artigo “A Fotografia no 'Tempo' e o Tempo do 'Outro': Notas etnográficas sobre fotografias de família e suas ferramentas decoloniais contra o 'Tempo’”, escrito por Kennedy Valério, também temos a presença e resistência da memória de pessoas negras, agora alicerçada nos antigos álbuns fotográficos familiares, a partir dos quais o próprio autor busca revelar vivências que perpassam as relações sociais da sua família. Neste caso, chama a

atenção a presença das *guardiãs* das imagens, papel sempre presente em todas as famílias e normalmente destinado às mulheres. Embora o autor não faça referência direta ao tema, suas reflexões parecem caminhar para os mais recentes debates sobre autoetnografia, na qual o/a pesquisador/a parte de suas experiências de vida para refletir sobre aspectos coletivos fundamentais na Antropologia, como questões interseccionais, aqui relacionadas à etnia, classe e gênero.

Em “Furusato - Um lugar para voltar: relatos da produção de um documentário compartilhado junto à comunidade japonesa de Ivoti (RS)”, que também possui elementos de uma autoetnografia que tangencia importantes questões étnico-raciais, Alexsânder Nakaóka Elias nos convida a adentrar no universo cinematográfico de uma obra audiovisual coletiva. A partir de uma análise detalhada sobre o processo de produção de um documentário etnográfico, o texto revela um rigoroso trabalho de pesquisa e uma metodologia embasada na antropologia audiovisual compartilhada, estabelecendo diálogo direto com referências basilares, como Jean Rouch e o projeto “Vídeo nas Aldeias”. Além disso, o artigo apresenta caráter reflexivo e participativo, evidenciado na forma como a produção foi conduzida, a saber, envolvendo os/as próprios/as interlocutores/as como agentes ativos na construção da narrativa. Tal abordagem reforça o compromisso com uma antropologia compartilhada, ampliando o alcance e a relevância do trabalho para além do meio acadêmico. Ademais, a abordagem verbo-visual proporciona um panorama dos processos de filmagem, montagem e exibição do curta-metragem, desvelando a complexidade e os desafios envolvidos na produção de um material audiovisual etnográfico.

Pedro Henrique Baima Paiva nos apresenta o artigo “Patrimônio Mundial na Ilha de Moçambique: os desafios da produção compartilhada de imagens no trabalho de campo”, no qual também coloca ênfase na produção compartilhada de imagens no campo etnográfico, mostrando uma preocupação ética muito necessária com o outro, colocado na posição de sujeito e interlocutor da pesquisa. A partir de sua pesquisa na Ilha de Moçambique, o autor elenca as diversas adversidades encontradas, como as limitações da câmera fotográfica e problemas com o computador, que o levaram a adotar a estratégia de elaboração de mapas mentais.

O Artigo “Fotografias e memórias: a história nas imagens familiares”, de Rafaella Sualdini, envolve um mergulho nos acervos fotográficos de duas famílias que não se conhecem, mas partilham uma série de elementos culturais comuns presentes nas suas relações com as imagens fotográficas. Destacam-se o que podemos compreender como “convenções representacionais” (embora a autora não trabalhe com este conceito) presentes nas imagens destes conjuntos que Miriam Moreira Leite reúne sob o denominador comum “retratos de família”. O trabalho de recuperação e digitalização de parte destes acervos é mote para o diálogo teórico-conceitual sobre fotografia e memória no campo da Antropologia Visual e da Imagem. A pesquisa nos conduz a pensar na relação das famílias de cidades do interior do Brasil com seus acervos fotográficos, dispostos em álbuns, expostos em porta-retratos ou guardados em caixas de papelão. Estes contextos, bastante diversos daqueles das grandes cidades, remontam a um momento histórico em que os avanços tecnológicos permitem uma paulatina democratização do acesso à fotografia e nos quais emergem temas como o papel dos fotógrafos itinerantes, dos “lambe-lambes” presentes em lugares especiais tidos como dignos de retrato e dos fotógrafos das próprias famílias (nos casos em que se faziam presentes).

Em “Ciência e espetáculo: registros e práticas cinematográficas sobre povos indígenas brasileiros nos anos 1910”, Geyzon Bezerra Dantas nos apresenta as representações visuais sobre os povos indígenas elaboradas no contexto da construção das linhas telegráficas realizadas pela Comissão Rondon e pela Expedição Roquete-Pinto, marcos importantes do desenvolvimento da Antropologia Visual no Brasil. O artigo relata como as imagens produzidas dos povos indígenas eram elaboradas para construir e partilhar uma memória coletiva que se pretendia exemplar para os estados modernos. As descrições, gravações, fotografias e filmes produzidos nesse período nos são apresentados como a reprodução de um imaginário evolucionista vigente na época, e Dantas analisa tais questões a partir de obras exemplares como “Os Sertões de Mato Grosso” produzido por Luiz Thomas Reis; e “Rio das Dúvidas”, que retrata a Expedição Roosevelt-Rondon (1913-1914).

Walter Rodrigues Marques traz uma narrativa intimista em “Antropologia do cotidiano - narrativas e poéticas visuais na memória e representação de uma infância rural”, ao relatar verbo-visualmente uma experiência etnográfica às margens do Rio Preto, região que habita suas memórias e lembranças de infância. Marques apresenta um ensaio fotográfico

sobre paisagens e arranjos socioculturais no contexto rural no nordeste do Brasil, elencando autores/as que refletem sobre decolonização e valorização da natureza. Evidencia, assim, que suas memórias da infância rural “se configuram como um mosaico vibrante de vivências que vão muito além do mero recordar de eventos passados”, compondo algo que permeia não somente sua memória pessoal, mas também a coletiva.

Em “Uma Etnografia ‘muito difícil’ - ‘De sal e de samba’”, Daniel Arrebola desvela um olhar sobre a pesquisa etnográfica realizada concomitantemente à produção do documentário “De sal e de samba”, que narra a trajetória do choro e do samba na Região dos Lagos fluminense, do início do século XX até os dias de hoje. A partir de entrevistas com sambistas, o autor buscou salvaguardar suas memórias e trajetórias de vida, enfatizando as manifestações do samba, os grupos e seus principais personagens, com o intuito de valorizar o que define como “cultura popular”.

O relato de pesquisa “Narrando a festa em Kanã Mihay a partir de imagens”, de autoria de Fabiano José Alves de Souza (et al.), apresenta o processo de reelaboração de políticas culturais dos povos indígenas contra os vários apagamentos forçados da identidade cultural. Tais produções, como expressão de políticas culturais, são acionadas como dispositivos de afirmação da cultura indígena, em seus múltiplos aspectos (cosmologias, mitos, religiosidades, arte/artesanato, festas, etc.). Os autores concentram o olhar etnográfico na festa como elemento central para o fortalecimento da organização da comunidade indígena Pataxó, e, mais especificamente, no lugar das crianças durante estes rituais coletivos. Convida-nos, assim, a refletir sobre como as imagens desestabilizaram a pretensão de objetividade na pesquisa etnográfica e na reflexão antropológica. As produções compartilhadas, relembram os autores, configuram uma prática política da antropologia.

Nosso segundo relato de pesquisa deste volume, “As ruínas marcadas pelas placas de ‘Aluga-se’: um experimento artístico etnográfico nas ruas da Cidade Alta, Natal-RN, de João Vitor Holanda Martin, evidencia um exercício e relato etnográfico sobre o centro da cidade de Natal-RN, argumentando sobre aspectos de sua decadência econômica e social. Fruto de uma pesquisa realizada entre o final de 2023 e o início de 2024, o autor produziu um filme etnográfico que aborda a saída das lojas do centro histórico da cidade, enfatizando a presença das placas de “Aluga-se” como a sinalização do declínio do centro histórico de Natal.

Na resenha “Racismo, colonialismo e Festas Populares no Brasil”, Ingrid Vale analisa com cuidado e sensibilidade o livro “Festas Populares no Brasil” [2004 (1987)], que segundo a autora “oferece uma interpretação interdisciplinar da cultura brasileira”, fazendo isso com a interface entre texto e imagem, capaz de construir “uma análise sensorial e profunda sobre as celebrações populares do país”. Para Vale, as fotografias não somente ilustram o conteúdo escrito, mas compõem o discurso ao revelar a diversidade das manifestações culturais nacionais, a partir do olhar crítico e instigante que nos é apresentado por Lélia Gonzalez.

O conjunto das produções, embora sólida em termos teórico-conceituais, promovendo pesquisa de grande interesse para a produção de conhecimento em Antropologia, nos conduz a pensar em nossa disciplina para além da escrita. As narrativas fotográficas destacam-se neste sentido, uma vez que podem articular-se de múltiplas formas com a oralidade e a linguagem escrita - inclusive quanto aos cânones presentes nas normas e diretrizes da produção científica. As imagens visuais em movimento - filmes e vídeos - e as imagens sonoras, produções musicais e etc., se fazem presentes através de links que conduzem a abertura de outras janelas que não são do espaço do artigo em si. A qualidade estética das produções acolhidas neste dossiê é notável e dá relevância ao conjunto. Nos remete a Jean Arlaud, quando afirma que “representar o ‘outro’ belamente” é um compromisso ético fundamental em Antropologia.